

Diversão & Arte

Fotos: Bené França/Carlos Lourenço / Divulgação



Crianças, adultos, bebês, adolescentes e idosos formam o elenco do grupo

TRADIÇÃO EM família

» NAHIMA MACIEL

CARROÇA DE MAMULENGOS REALIZA MOSTRA NA QUAL CONTA A HISTÓRIA DA COMPANHIA E CELEBRA MAIS DE 40 ANOS DE TEATRO DE BONECOS

Elas são mais de 20 no palco, todos da mesma família. Entre eles, há bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos. São atores e praticamente todos, com exceção do patriarca e da matriarca, cresceram nos palcos. Essa história, que é a de uma família, mas também das origens do teatro de bonecos em Brasília, está nas três peças que a *Mostra Carroça de Mamulengos* traz para o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) a partir de quinta-feira e até dia 4 de agosto.

O *babauzeiro*, *Histórias de teatro e circo* e *Janeiros* contam a história da companhia de saltimbancos que, lá pelos anos 1980, partiu do Planalto Central para uma aventura de mais de 40 anos Brasil a fora. Fundada por Carlos Gomide e Schirley França há 47 anos, a Carroça de Mamulengos foi a primeira companhia de teatro de bonecos do Distrito Federal. Carlos estudava teatro com Humberto Pedrancini e, quando descobriu o mamulengo, decidiu que ali estava algo genuinamente brasileiro e com potencial incrível. “A origem da Carroça de Mamulengos também é a origem de muitas outras companhias. O fato de meu pai ter escolhido a itinerância, fomos saltimbancos por mais de 30 anos, fez com que a carroça se transformasse nessa companhia que trazia as novidades”, lembra Maria Gomide.

Personagens como Benedito, Casimiro, Jaraguá, Boi e Burrinha nasceram graças a Carlos. “Cada vez que a carroça circulava pelo Nordeste e retornava a Brasília, sempre trazia algo novo”, garante Maria. Para a mostra no CCBB, a companhia preparou três espetáculos do repertório nos quais a trajetória do grupo é contada de forma lúdica e poética, da criação até a contemporaneidade.

Concebido em 1978, *O babauzeiro* fala sobre a origem do grupo, que investiu no renascimento do teatro popular de bonecos do Brasil. Em cena, Carlos Gomide divide o palco com o resto

da família para narrar a saga de ter e criar os oito filhos sem tirar o pé da estrada. “Ver meu pai em cena brincando o teatro de bonecos é poder ver viva a pessoa que, na década de 1980, plantou a semente que reviveu o teatro de mamulengo no Brasil, hoje reconhecido como patrimônio pelo Iphan”, diz Maria. O título do espetáculo vem de babau, a linguagem de teatro de bonecos da Paraíba. O enredo se debruça sobre a história de um pomar que deveria abastecer uma comunidade, mas que se torna alvo da cobra. A ideia é contrapor as ideias de abundância e ganância para falar das contradições humanas e dos conflitos sociais.

Histórias de teatro e circo é o que Maria Gomide chama de espetáculo vivo. Foi montado pela primeira vez em 1984, quando ela nasceu, e traz um personagem criado especialmente para a então filha recém-nascida de Carlos. Ao longo dos anos, esse personagem foi interpretado pelas crianças que foram chegando à família. “Dentro dele está o presente, o passado e o futuro, é o tempo histórico da carroça e sintetiza a linguagem artística que meu pai e minha mãe criaram para que a carroça fosse uma família”, conta Maria. Algumas cenas e personagens de *Histórias de teatro e circo* foram criadas há 38 anos, caso da Burrinha, hoje vivida pela sexta neta de Carlos. Mari tem 8 meses e é a 15ª brincante da personagem. Em cena, estão 20 pessoas que nasceram e cresceram no palco. “É um espetáculo que representa como a carroça é uma família e como a família é uma companhia”, garante Maria.

Por fim, *Janeiros*, de 2016, é uma espécie

de desenlace, um projeto nascido da apropriação do legado de Carlos Gomide pelos filhos. Maria é a roteirista, e a direção nasceu de uma parceria com Rodolfo Vasquez, do Grupo Galpão. “Traz a linguagem estética que os filhos trouxeram para a companhia. A gente escolheu esse para mostrar para a plateia que é incrível o meu pai ter conseguido criar os filhos capazes de dar continuidade a essa história na contramão do sistema”, conta Maria. A peça traz quatro irmãos na luta para dar continuidade à companhia.

Com 12 espetáculos no repertório, o Carroça de Mamulengos deixou de ser itinerante desde 2017. Hoje com os membros baseados, principalmente, em Juazeiro do Norte e em algumas capitais nordestinas, a companhia vive do teatro graças a um trabalho que inclui financiamentos vindos de temporadas realizadas ao longo dos anos, da participação em eventos corporativos e até de teatro de rua, com direito à passagem do chapéu para arrecadar dinheiro. “É perseverança, peleja e luta todo dia, porque viver de arte, no Brasil, é uma bravata. A carroça vive exclusivamente

dos espetáculos. E no Nordeste, no interior do Brasil, então, são camadas e camadas de desafio. Lutamos todos os dias para resistir e para existir. Vamos reinventando nosso fazer artístico. Somos uma companhia que se autogerencia”, avisa Maria. Além dos espetáculos, a mostra conta com o seminário *Diálogos sobre pedagogia brincante: a cultura de ensinar e aprender dentro das tradições populares*, realizado por Schirley França e Maria Gomide em 27 de julho, e com a oficina Cantos e Cantigas Populares, no dia 28.

MOSTRA CARROÇA DE MAMULENGOS - TRÊS GERAÇÕES DE ARTE BRINCANTE

A partir de quinta-feira e até 4 de agosto, quinta e sexta, às 16h, e sábado e domingo, às 11h e às 16h, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB — SCES Trecho 02 Lote 22). Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia), no site www.bb.com.br/cultura e na bilheteria física do CCBB.

